

# Baniwas oferecem Dabacuri cultural a autoridades

Leyla Leong

Para o espetáculo da inauguração do Ano Internacional dos Povos Indígenas, cujo desdobramento no decorrer do ano inclui apresentações que vão de Mercedes Sosa a Milton Nascimento, passando por Rigoberta Menchu (Prêmio Nobel da Paz), os 50 índios baniwas que dançarão hoje no palco do Teatro Amazonas tiveram que percorrer um longo caminho.

Remaram durante 15 dias da sua aldeia até São Gabriel da Cachoeira, onde um avião Búfalo os esperava para trazê-los até Manaus e hospedá-los no hotel da Vila Olímpica.

Brás de Oliveira Santos (da nação Baré), presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, e Bonifácio José, cujo nome indígena é Baniwa Uariperi Daquene, presidente da Organização da Bacia do Içana acompanham os 15 pares que apresentarão as danças e que vieram a Manaus acompanhados dos seus filhos.

Ao som de flautas longas e zamponas, ritmadas pelo som dos pés, danças como a "Andaúba", "Dabacuri", "Japurutu", "Kalisso" e "Mauaco" tomarão conta do Teatro Amazonas onde pela primeira vez a arte indígena entrará em cena.

Na manhã de ontem, iluminados pela luz de serviço do palco, homens e mulheres, alguns muito velhos, outros quase crianças, afinavam o som das flautas e aqueciam os corpos que hoje serão pintados com os dedos e o sumo de uma folha da floresta que é deixada secar por muitos dias, para depois ser triturada, fervida e coada, produzindo o tom vermelho escuro usado na pintura corporal baniwa.

Vindos do alto Içana, os baniwas vivem em 50 comunidades onde moram de 8 a 10 mil pessoas — explica Santos. Pela convi-



Índios ensaiam para o espetáculo de hoje no Teatro Amazonas

vência com as populações da área de fronteira com a Colômbia, onde adquirem roupas e mantimentos, a maior parte dos baniwas domina o idioma espanhol, além do português e da língua geral.

A presença do Ministro Antonio Houaiss e comitiva (5 pessoas), e dos 16 secretários de Estado da Cultura vindos a convite do Governo do Estado do Amazonas para abertura do Ano Internacional do Povos Indígenas (com passagem e hospedagem no Hotel Tropical por conta do Estado), para os quais os baniwas oferecem o espetáculo de suas danças, não parece inibi-los. Ao contrário.

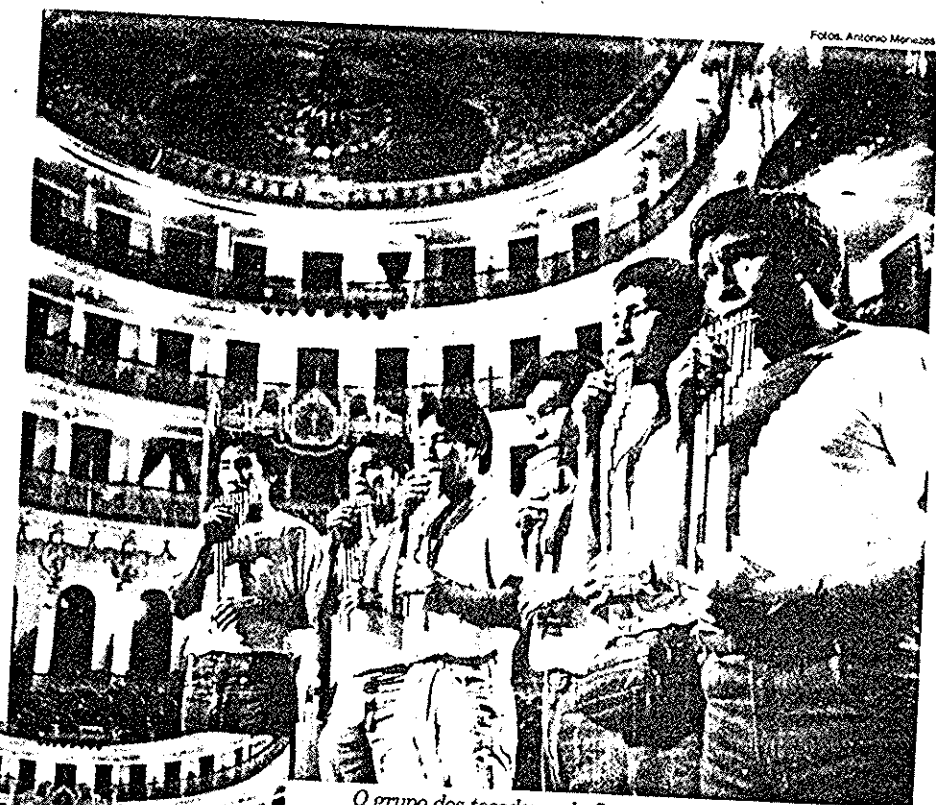
Falando como líder do movimento indígena, Brás de Oliveira Santos define a presença dos baniwa no palco do Teatro Amazonas como "uma forma de defender os

Vide - Verso

(190)

8425

3



Fotos: Antonio Moraes

O grupo dos tocadores de flauta afinam os seus instrumentos



Os líderes indígenas

**Não viemos pedir favor de ninguém. Queremos ser reconhecidos como índios e brasileiros. Já aprendemos o hino nacional.**

aqui "simplesmente pela boa vontade de se apresentarem, já que nenhum pagamento lhes foi oferecido pelo espetáculo". Já Bonifácio José supõe que o cachê que estão recebendo seja a viagem até Manaus a alimentação e a hospedagem na Vila Olímpica, cuja comida estão achando "razoável".

Normalmente os baniwas ao acordarem consomem a "quinhapira" (prato feito de peixe temperado com bapixau quente de mandioca antes de saírem para o trabalho de roça. As próximas refeições não têm hora fixa. Os índios se alimentam a qualquer momento que sintam fome.

Trabalhando com cerâmica e cestaria, os baniwas, segundo os seus líderes, estão à procura de um canal de venda para a sua produção, e informam que contatos a respeito podem ser feitos através da Federação.

A Subsecretaria de Estado da Cultura distribuiu 200 convites para a apresentação das Danças Baniwas deixando os restantes 400 lugares do Teatro Amazonas à disposição do público que queira assistir gratuitamente ao espetáculo, cujo início está marcado para as 17:30hs.

interesses comuns das populações indígenas do Rio Negro. Aproveitamos o evento também para divulgar a nossa realidade, o triste massacre que estamos sofrendo há mais de 500 anos. Esperamos que a nossa arte e a nossa cultura (que é a nossa grande riqueza) consiga sensibilizar os poderes públicos em direção aos problemas de sobrevivência dos índios. Não viemos pedir favor de ninguém — prossegue — queremos que a nossa existência seja conhecida e que tenhamos condições de viver dignamente com a nossa identidade de índios e de brasileiros que amam o seu país. O governo não nos vê como pessoas humanas". E completa com ingenuidade: "Já aprendemos a cantar o hino nacional".

Sem nenhuma previsão de cachê pelo espetáculo, o líder indígena diz que estão

3

2